

# Textos

Daniele de Freitas dos Santos

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 11/02/2013

Título : A arte de ferver o texto

Categoria: Crônicas

Assim como a Martha Medeiros, nunca gostei de coisas mornas. Textos mornos, então, passo longe. Texto que é texto, seja artigo, crônica ou resenha, não pode passar pelo leitor sem provocar algum tipo de emoção. Se o que você escreveu não fez a pessoa do outro lado comentar, concordar veementemente ou criticar profundamente o seu ponto de vista, então, foi mal escrito.

Isso não quer dizer, obviamente, que escrever um texto polêmico baseado em achismos é fazer a coisa certa. Nem aqui nem na China. Texto bom estimula a reação porque tem conteúdo, porque mexe com o imaginário das pessoas, cutuca, com perspicácia, as falhas da sociedade e a instiga a se posicionar sobre o assunto. Definitivamente, escrever bem é uma arte para poucos – poucos esses que eu admiro.

Lembro que uma vez – e que saudosa vez – escrevi sobre uma situação extremamente banal e cotidiana: fazer compras no supermercado. Na crônica, eu descrevia como observar na fila do caixa o que as outras pessoas estão comprando pode dizer muito sobre elas. Foram dezenas de comentários. Grande parte deles criticando, porque não concordavam com o meu ponto de vista.

Acho que é por aí: com um texto simples, conseguir comover as pessoas de alguma forma, “incomodá-las” a ponto de elas dedicarem o seu tempo para se manifestar sobre como se sentiram diante daquelas palavras. E não é preciso um arsenal de vocábulos para isso. Tem gente que acha que escrever bem é escrever complicado. Nem aqui nem na China (2). Escrever bem é deixar os olhos do leitor rolarem alegres e saltitantes por entre as linhas, despertando sentidos e alavancando as percepções sobre a vida.

Como já dizia uma tia-avó, “bolacha água e sal só é boa pra dor de barriga”. Texto água e sal também. Sem gosto, sem tempero, sem cor, sem vida: uma perda de tempo, enfim. Escrever é ser quase um malabarista, equilibrar as palavras certas, caprichar na dose de criatividade e, também, se colocar no lugar do leitor. Escrever um texto é quase como um encontro: se a química não fluir na primeira linha, dificilmente surgirá o interesse em se conhecer o resto. Uma verdadeira arte, que eu não desisto de tentar aprender.

Data : 29/04/2015

Título : A maravilha de ser (in)dependente

Categoria: Crônicas

Descrição: Passamos a vida em busca de independência: financeira, amorosa, dos nossos pais, do nosso chefe, dos nossos vizinhos.

Passamos a vida em busca de independência: financeira, amorosa, dos nossos pais, do nosso chefe, dos nossos vizinhos. Possivelmente, porque aliamos a independência ao conceito de liberdade, de ser autossuficiente para tomar decisões e não precisar dar satisfações a ninguém. Essa utopia dura até o momento em que percebemos que, melhor do que não ter que se explicar, é ter alguém ao nosso lado que não nos cobre explicações.

Tá certo que a ideia de ser independente é bem tentadora e, em alguns casos, é uma necessidade. Nada melhor do que poder bancar os desejos, que decidir onde e quando ir, que ser dono do próprio nariz. Por outro lado, nessa busca desenfreada por individualidade, acabamos esquecendo que precisamos uns dos outros. Desde alguém para alcançar uma toalha quando saímos do banho e esquecemos de pegá-la até uma pessoa para nos fazer companhia na vida.

É tão bacana ter uma pessoa em casa nos esperando para contar como foi o dia no trabalho, alguém para nos fazer uma massagem depois um dia estressante, para nos abraçar forte quando o medo falar mais alto e até mesmo para discutir conosco. Já pensou que chato não ter com quem dividir as opiniões, os problemas, as alegrias, a janta, a cama? Não acredito em pessoas que dizem que são felizes sozinhas.

Os relacionamentos impõem restrições, é claro. Aprendemos que nem tudo pode ser do nosso jeito, que é preciso abrir mão de algumas coisas, mas, acima de tudo, descobrimos que independência alguma no mundo nos deixa mais completos que a oportunidade de tornar a vida de outra pessoa mais feliz. Nada melhor que reconhecer em alguém a nossa autossuficiência: quando ele nos ensina, através de um sentimento, que somos pessoas completas, mas que não há nada de errado em precisar um do outro. A dependência não é um bicho de sete cabeças e não nos faz melhores ou piores: apenas nos torna humanos.

Data : 14/09/2016

Título : Desculpe o transtorno, preciso falar de mim

Categoria: Crônicas

Descrição: Desde que me conheço por gente, nunca coube em um único estilo: fosse ele musical ou de vestuário.

Desde que me conheço por gente, nunca coube em um único estilo: fosse ele musical ou de vestuário. Durante muitos anos, só conheci o romantismo pelas cartas de amor que nunca recebi. Uma utopia. A rejeição a cada nova paixãoite de escola, na virada do milênio, me fazia acreditar que o problema era comigo. Que eu era alta demais, magra demais, tímida demais, CDF demais. E tantos exageros faziam eu me sentir de menos.

Até que, uma década depois, em uma tarde de primavera qualquer, eu descobri que não eram os meninos do colégio que me tornavam a paráfrase do patinho feio. Era eu mesma. Consentir com o que eles pensavam sobre mim era assinar o atestado de óbito da minha autoestima. E o que eles pensavam sobre mim era problema deles, não meu. A ficha demorou a cair. Enfim, ela despencou em queda livre. Em frente ao espelho, enxerguei a única pessoa que não poderia, nunca, sob hipótese alguma, deixar de me amar: eu mesma. E aí, cara, foi amor à centésima trigésima quinta vista.

As redes sociais comprovaram a minha teoria. Uma vez, no tempo do finado Orkut, um ex-colega me enviou um depoimento, daqueles para não ser aceito. No texto, despido de qualquer pontuação ou acentuação gráfica, me convidou para sair no maior estilo “e aí, sumida?!”. Sumida... logo eu que nunca fui notada por ele, exceto pelo dia em que minha cartinha de amor virou motivo de chacota para a ala masculina do fundão da sala. Recusei o convite. Aceitei o depoimento. Vingança pessoal saboreada a trinta graus negativos. Alma lavada.

Nem só de idas e vindas se fez a minha história. Já me apaixonei e fui correspondida. Aprendi a amar e amei para aprender. Aliás, as frustrações amorosas são as que nos deixam os maiores legados: descobrimos exatamente o que não esperar de uma relação. Cada “fracasso” é um passo em direção ao êxito. E ser bem sucedido no amor, meu amigo, requer paciência. Muita paciência. Exige confiança no tempo. Acima de tudo, implica amor-próprio. Este é o grande segredo da felicidade: amar-se. Não se trata, aqui, de egoísmo. Longe disso! Até porque o egoísmo reside, justamente, no gesto de sobrecarregar o outro com a inteira responsabilidade por nos fazer feliz. Todo amor começa de dentro para fora.

Por isso, não lamento os amores que perdi ou os que não conheci. Não sofro mais pelo que deixei de receber, pelas promessas não cumpridas, pelos erros do passado. Não choro pelas lágrimas já derramadas. Viver é uma constante reinvenção. Sou grata a cada experiência, decepcionante ou não, por me fazer ser quem eu sou hoje. Agradeço, principalmente, por ter aprendido que o relacionamento é uma soma, não o anulamento de um pelo outro. Aí está o primeiro mandamento do amor.

E o segundo, e o terceiro, e o quarto, e o quinto, e o sexto, e o sétimo, e o oitavo, e o nono e o décimo. Quem se faz de metade nunca recebe o amor por inteiro.

Data : 06/03/2017

Título : Simplesmente, não importa

Categoria: Crônicas

Descrição: "Com o tempo e a experiência, você aprende um princípio fundamental para todo e qualquer relacionamento: não importa. O "não importa" é a chave para entender por que as pessoas são felizes e infelizes nas relações que constroem durante a vida..."

Com o tempo e a experiência, você aprende um princípio fundamental para todo e qualquer relacionamento: não importa. O "não importa" é a chave para entender por que as pessoas são felizes e infelizes nas relações que constroem durante a vida – e, principalmente, por que aqueles conselhos de revista só servem para estar em uma página diagramada. Fora do papel, eles se desfazem no primeiro beijo, na primeira discussão, no primeiro dia depois do término e em todas as noites seguintes. Amar, meu amigo, é compreender que, para conjugar o verbo em diferentes tempos, é preciso muito mais do que apenas decorar a gramática.

Quando você ama uma pessoa e todos ao seu redor não aprovam o relacionamento, sabe o que acontece com a opinião dos outros? Não importa. Quando você decide que não quer mais estar ao lado de alguém, sabe o que as lágrimas, as chantagens emocionais e os pedidos de desculpa significam? Não importa. Para os dois extremos: simplesmente, não importa. Isso acontece porque se entregar a uma relação ou desistir dela é uma atitude muito subjetiva. O que suportar em nome do relacionamento, seja ele namoro seja casamento, é uma decisão individual e intransferível. Já vivenciamos uma situação em que as pessoas olham para um casal e comentam: "não sei o que ela(e) viu nele(a)"? Pois é. Ela sabe o que viu. Ele também. E basta. O motivo que nos faz estar com uma pessoa é, também, algo pessoal. A análise e o julgamento dos outros? Não importa.

A grande verdade é que, até você amar pra valer uma pessoa, tudo o que você conhece são definições de terceiros sobre como um relacional ideal deve ser: o que você deve sentir, como deve se comportar diante de determinada situação, o que perdoar, o que relevar, e por aí vai. O problema é que os outros não estão no seu relacionamento. Eles não moram com vocês, não dormem com vocês, não sabem como é a química entre quatro paredes, muito menos o que acontece depois da selfie publicada no Facebook. As frases de efeito ficam ótimas no para-choque do caminhão, mas não servem para rotular relacionamentos. Por essas e por outras que tentar adivinhar o que o outro está sentindo é uma péssima ideia – tão péssima quanto acreditar que todas as pessoas são iguais e amam do mesmo jeito. A definição de amor deveria ser proibida de constar no dicionário. Para alguns, amor é chegar em casa e encontrar a louça lavada. Para outros, é o número de mensagens românticas trocadas durante o dia. Há, ainda, aqueles que medem o sentimento pelo sofrimento que a ausência provoca. Quem está certo e quem está errado? Não importa. O medidor é individual.

O que, de fato, importa é a felicidade. Só ela. Sentir-se bem, amado, pleno, com a demonstração que for, do jeito que for, com quem for. Quem gosta de medidas é receita culinária – e, ainda assim, não há garantia de que dará certo. O mais

bacana da vida é essa liberdade de buscar a nossa felicidade onde quer que ela esteja e de desbravar novos caminhos quando decidimos que é hora de sair da zona de conforto. Quando a gente decide que está no caminho certo, não importa o esforço, os obstáculos ou o tempo de espera. Por outro lado, quando o destino não agrada, não importa a comodidade, a bela paisagem, nem as vantagens financeiras. A vida nos ensina, às vezes de maneira dolorosa, que ligar o “não importa” é a melhor maneira de transitar pelas individualidades e encontrar a nossa maneira de amar – tão bonita quanto singular. Se essa dedução faz sentido? Não importa. Como já nos ensinou Mário Quintana, quem faz sentido é soldado.

Data : 06/03/2017

Título : É por causa dela

Categoria: Crônicas

Já não me preocupo mais em fazer a barba todo dia, estar sempre com o cabelo arrumado ou com um perfume importado. Aposentei as minhas cuecas sambacação, meu medo de relacionamentos duradouros e minha mania de deixar a toalha molhada em cima da cama. Descobri que TPM não é mito, que “foi nada” significa “foi tudo” e que um dia sem amor é um dia perdido. Tudo por causa dela.

Com ela, aprendi que não há melhor sex appeal que uma barba por fazer ou um cabelo levemente bagunçado. Aprendi que o meu próprio cheiro – aquele que ela reconhece a quilômetros de distância – é o que faz ela respirar fundo no meu pescoço e sussurrar um “eu te amo” em meu ouvido. Aprendi que não tem coisa mais bacana que ver ela de cabelo molhado, com cara lavada de quem acabou de sair do banho, me fitando curiosa do outro lado da sala. Ou, então, quando a vejo com o cabelo despretensiosamente preso em um coque, de camiseta e abrigo, irritada em frente ao computador por não conseguir terminar algum texto. Nessas horas comuns, eu me lembro do quanto ela me torna uma pessoa melhor, sem sequer se dar conta disso.

Ao lado dela, me sinto três vezes mais másculo, porque sei que homem de verdade não é o que pega várias mulheres na mesma noite, mas o que conquista a mesma todos os dias. E a pequena me enche de orgulho. Tem personalidade forte, mas uma sensibilidade sem tamanho. Nos olhos dela, eu enxergo aquela paixão juvenil, capaz de mover montanhas, e o amor maduro, com confiança, respeito e sentimento suficientes pra uma vida inteira. Ela é a mistura exata de desejo e companheirismo, aquele combo que atende aos requisitos da lista “o que os homens querem em uma mulher”. E o melhor de tudo: é minha.

Sei disso porque é o que ela me diz com os olhos brilhando, sem medo de pronomes possessivos. E me diz com uma inocência que cativa e uma ousadia que me provoca até o limite. Ela me diz isso, inclusive, quando brigamos: “sou tua, para o bem e para o mal”. É uma dádiva e uma responsabilidade. Amor é

isso: reciprocidade. Ela é o meu “nunca senti isso por alguém”. É o melhor presente que a vida poderia me dar para que eu passasse a acreditar em futuro. É ela. Ela e mais ninguém. E pior é que nem sei se ela sabe disso.